

#4

Luís de Camões, *Rimas*, Lisboa, por Pedro
Crasbeck, à custa de Estevão Lopes, 1598.

ANTÓNIO OLAIO
a partir de Luís de Camões

CAMÕES

POR

CAMÕES



Luís de Camões, *Rimas*, Lisboa, por Pedro
Crasbeck, à custa de Estevão Lopes, 1598.

#4

CAMÕES POR CAMÕES

ANTÓNIO OLAIO
A PARTIR DE LUÍS DE CAMÕES



Luís de Camões

António Olaio

*Em quanto quis fortuna que tivesse
Esperança d'algum contentamento,
O gosto de hum suave pensamento
Me fez que seus effeitos escrevesse.*

*Porem temendo amor que aviso desse
Minha escriptura a algum juizo isento,
Escureceo me o engenho co tormento,
Para que seus enganos não dissesse.*

*Ô vos qu'Amor obriga a ser sogeitos
A diversas vontades, quando lerdos
Num breve livro casos tão diversos,*

*Verdades puras são, e não defeitos:
E sabeis que segund'o amor tiverdes,
Tereis o entendimento de meus versos.*

O gosto de um suave pensamento
Passou naquela rua e não ficou
Não cheguei a saber quem o pensou
Pensei que fosse meu por um momento

Bem mais sabor terá ao longe o vento
E o gosto por ser gosto o negou
De tão querer ser mesmo me enganou
Querer ser meu e ser ao mesmo tempo

Mesmo é tudo aquilo que eu não sei
Outro chão, outras casas, outros versos
É tudo o que acontece sem vontade

Tudo o que não diria e não direi
O que os faz ser mesmo é ser diversos
Os pés que eu imagino em Bagdad

*Tanto de meu estado m'acho incerto,
Qu'em vivo ardor tremendo estou de frio,
Sem causa juntamente choro, e rio,
o mundo todo abarco, e nada aperto.*

*He tudo quanto sinto, um desconcerto:
D'alma hum fogo me sae, da vista um rio.
Agora espero, agora desconfio,
Agora desvario, agora acerto.*

*Estando em terra, chego ao ceo voando,
Num'hora acho mil annos, e he de geito
Qu'em mil anos não posso achar hum'hora,*

*Se me pergunta alguém porque assi ando,
Respondo que não sei: porem suspeito
Que so porque vos vi, minha senhora.*

A mão que das mãos me sai e sai voando
Que só três dedos tem pra ser simétrica
Iguala a luz do sol à luz eléctrica
Farol que me conduz por onde eu ando

E tudo assim parece nem ser um
Da vista nada sai em si ficando
Olhar que o mundo vê em se espelhando
Muito se faz pouco, pouco nenhum

Herdeira deste ser ambivalente
A sombra faz um círculo perfeito
Do corpo que só sombra é agora

Corpo que assim se vendo, assim se sente
Que a si se apresenta deste jeito
Olhar que nem tem dentro nem tem fora

*Apollo, e as nove Musas, discantando
Com a dourada lyra, me influião
Na suave harmonia que faziam,
Quando tomei a pena começando,*

*Ditoso seja o dia e hora quando
Tão delicados olhos me ferião,
Ditosos os sentidos que sentião
Estar se em seu desejo traspassando.*

*Assi cantava, quando amor virou
A roda, a esperança que corria,
tao ligeira, que quasi era invisivel.*

*Converteu se me em noite o claro dia,
e se algũa esperança me ficou,
será de maior mal, se for possivel.*

Andando pela noite até ser dia
O longe parecendo-lhes tão perto
Desenham sua marcha no deserto
Os passos em suave harmonia

Não fosse tanto o frio que lá fazia
Ou tamanho o calor que ali fará
Ou as saudades do vento que aqui está
Talvez eu conseguisse ir lá um dia

Ir assim, como quem vai para ficar
Quisesse eu uma tal monotonia
Onde tudo o que é chão é o mesmo chão

Ali não quereria outra via
Nem nunca outra via iria achar
No lugar onde as coisas já não são

*Quando de minhas magoas, a comprida
 Maginação, os olhos m'adormece,
 Em sonhos aquell'alma m'aparece
 Que para mim foi sonho nesta vida.*

*Là nua soidade, onde estendida
 A vista pello campo desfalece,
 Corro par ella: e ella então parece
 Que mais de mim se alonga, compellida,*

*Brado, não me fujaes sombra benigna
 Ella (os olhos em mim c'hum brando pejo,
 Como quem diz que já não pode ser)*

*Torna a fugir me: e eu gritando, Dina?
 Antes que diga Mene, acordo, e vejo
 que nem um breve engano posso ter.*

Estes sonhos são cada vez mais breves
 Ao tão breves serem pra serem muitos
 Imensos e curtos, quase finitos
 Pesados e densos se creem leves

Nuvens que se desfazem pra se fazer
 Que crescem para dentro e se contraem
 Que em si mesmo estão e nunca saem
 Formas que são assim sem vir a ser

Como o chumbo e as pedras, são pesados
 Sonhos que desconhecem o que são
 Que ficam acordados todo o dia

Por trás das portas, nos quartos fechados
 Eles estão sempre ao lado donde estão
 E a si próprios fazem companhia

*Estase a Primavera trasladando
Em vossa vista deleitosa, e honesta,
Nas lindas faces, olhos, boca, e testa,
Boninas, lyrios, rosas debuxando.*

*De sorte vosso gesto matizando
Natura quanto pode manifesta,
Qu' o monte, o campo, o rio, e a floresta,
Se estão de vos senhora namorando.*

*Se agora não quereis que quem vos ama
Possa colher o fruto destas flores,
Perderão toda graça vossos olhos.*

*Porque pouco aproveita linda dama,
Que semeasse amor em vos amores,
Se vossa condição produz abrolhos.*

*Olhamos o vale do monte a arder
Olhar que olha o verde e vê mais além
Atravessa a Terra e não se detém
Atravessa o Espaço até já não ver*

*Do azul do céu não queremos saber
Nem de todo o resto que lhe está aquém
Nenhuma das coisas interessa a alguém
Tudo o que parece vai desaparecer*

*De cada casa só fica o lugar
Da neve branca só fica o frio
Condição pra ser, é ser invisível*

*Vento do norte enquanto houver ar
Lado de dentro dum quarto vazio
Sem ter o que ver, ver é impossível*

*Os vestidos Elisa revolia
Que lh'Eneas deixara por memoria,
Doces despojos da passada gloria,
Doces quando seu fado o consentia.*

*Entr'elles a fermosa espada via
Que instrumento foi da triste historia,
E como quem de si tinha a victoria,
Falando sô com ella, assi dizia.*

*Fermosa, e nova espada, se ficaste
Sò pera executares os enganos
De quem te quis deixar, em minha vida,*

*Sabe que tu comigo t'enganaste,
Que para me tirar de tantos danos,
Sobeja me a tristeza da partida.*

Do braço direito sobra uma espada
De cada pé um pedaço de chão
Nem uma luva lhe sobra da mão
Do braço esquerdo não lhe sobra nada

Estes despojos tomam-lhe o lugar
Da sua vida outras vidas farão
As mesmas coisas outras coisas são
Eneas algum iremos lembrar

Fica esta espada sem história ou memória
Como cadeira em casa vazia
Espada liberta de qualquer braço

Resplandecendo o seu brilho, em glória
Rodando no ar, o seu gume afia
E como lança se lança no Espaço

Autor

António Olaio

Título

Camões por Camões.

*António Olaio a partir de Luís
de Camões*

Estabelecimento de Texto

Rita Marnoto

Edição

Colégio das Artes

da Universidade de Coimbra

Colecção

Infravioleto #4

Dirigida por Rita Marnoto
e Alice Geirinhas

Design

Bruna de Sousa

Impressão

Nozzle, Lda

Data de Edição

2016

ISBN

978-989-99425-4-7

Depósito Legal

xxxxxxxxxx